

QUANDO A PNEUMÓNICA SE ABATEU SOBRE A POPULAÇÃO DO CONCELHO DE CAMINHA. UMA APROXIMAÇÃO AO SEU IMPACTO

AURORA BOTÃO REGO*

1. INTRODUÇÃO

Após um crescimento demográfico exponencial desde 1849 até à viragem do século, a população do concelho de Caminha apresentou um aumento de apenas 119 pessoas, entre 1911 e 1920¹. Quais as causas que se encontram na base desta apatia demográfica? Emigração? Más colheitas? Condicionantes sanitárias? Incidência de pandemias? Em que medida terá a epidemia da *pneumónica*, também conhecida por *gripe espanhola*, contribuído para este resultado?

Partiremos do cruzamento de fontes documentais diversificadas – religiosas (registos paroquiais), assistenciais (Santa Casa da Misericórdia de Caminha), municipais (preços dos géneros), recenseamentos oficiais, entre outras – para aferir da interferência da pandemia na evolução populacional concelhia.

2. O ESPAÇO GEOGRÁFICO DO CONCELHO DE CAMINHA

O concelho de Caminha, com a área de 129,66 km, encontra-se situado no Alto Minho, a 16 km da cidade de Viana do Castelo, capital do distrito. Atravessado pela estrada real *Vianna-Valença* em 1856, e pela linha dos caminhos-de-ferro em 1878, no seu território desaguiam três rios de dimensão variada – Minho, Coura e Âncora. A sede concelhia assume-se geograficamente como a primeira praça militar minhota fronteira à Galiza.

O seu espaço geográfico transformou-se num importante nó distribuidor de gentes, bens e recursos, nos diversos sentidos, servindo igualmente as populações que, dos concelhos do interior, se deslocam para o litoral.

* Investigadora do CITCEM.

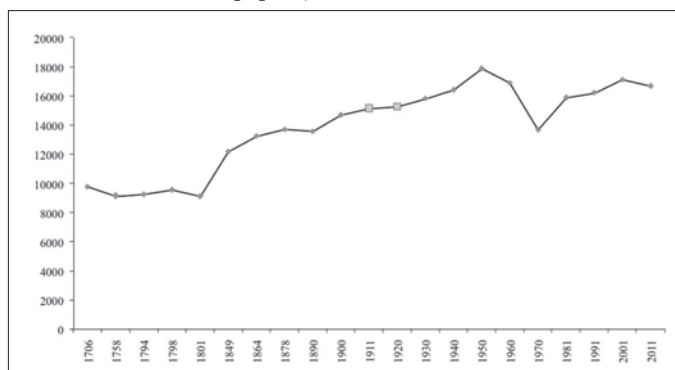
¹ *Censo da População de Portugal no 1º de Dezembro de 1911*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1905 e *Censo da População de Portugal. Dezembro de 1920*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1923.

Nos inícios do século XX, para além de uma economia de subsistência, as populações de algumas das freguesias do concelho de Caminha dedicavam-se a uma pesca intensiva, quer costeira (Caminha e Vila Praia de Âncora), quer fluvial (Caminha, Seixas, Lanhelas). Na vila de Caminha, a atividade marítima de longo curso agilizava devido à introdução das novas infraestruturas terrestres, equilibrando-se a sua economia com serviços e algum comércio. A atividade do contrabando entre as margens do rio Minho e os portos piscatórios galegos constituía uma prática comum desde tempos imemoriais. A praia da Praia d'Âncora prosperava desde inícios do século XIX e a praia de Moledo a partir do último quartel da mesma centúria, ambas respondendo às solicitações de elites citadinas e, no fim das colheitas, de populações rurais minhotas que a elas se deslocavam em busca dos banhos terapêuticos.

3. O MOVIMENTO DA POPULAÇÃO DO CONCELHO DE CAMINHA

A análise do movimento populacional do concelho de Caminha na longa duração (Gráfico 1), revelou que, entre 1706 e 1801, a população manteve níveis estacionários, ou mesmo, ligeiramente regressivos. Se em 1706, o número de efetivos se estimava em 9752², em 1801 cifrava-se em 9159 habitantes³.

Gráfico 1 – Movimento da população do concelho de Caminha (1706-2011)



Fontes: Corografia Portuguesa, COSTA, António Carvalho da, 1706; Memórias Paroquiais de 1758, in CAPELA, Viriato José, 2005; Cadastro da Província do Minho, in CRUZ, António da, 1970; Censo de Pina Manique, in SERRÃO, Joaquim Veríssimo, 1970; Censo de 1801, in SOUSA, Fernando de; ALVES, Jorge Fernandes, 1997; Censo de 1849, in SILVEIRA, Luís Nuno Espinha, 2001; Recenseamentos oficiais entre 1864 e 2011.

² COSTA, António Carvalho da (1706-1712) – *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. 3 vols., Lisboa: officina de Valentim da Costa Deslandes impressor de Sua Magestade, & á sua custa impresso, pp. 245-252.

³ SOUSA & ALVES (1997) – *Alto Minho. População e Economia nos Finais de Setecentos*. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p. 92.

A partir de 1849 e, até 1950, a evolução populacional do concelho de Caminha reflete um crescimento demográfico assinalável, interrompido nos recenseamentos de 1890 e de 1920. Foi sobre esta última contagem que recaiu a nossa atenção. Em 1911, existiam 15 147 habitantes e em 1920, totalizavam 15 266, uma diferença de apenas 119 indivíduos.

Compulsada a informação paroquial resultante do levantamento de todos os registos de batismo e de óbito referentes às 19 freguesias do concelho de Caminha entre 1911 e 1920 (Quadro 2 e Anexo I), verificamos que existe um saldo fisiológico positivo de 824 habitantes. Este número, adicionado ao total de habitantes existente no censo de 1911, reflete uma soma de 15 971 indivíduos, acima dos 15 266 encontrados no censo de 1920.

Quadro 1 – Saldo fisiológico da população do concelho de Caminha

Paróquias	1911-1920		
	Total de nascimentos	Total de óbitos	Saldo fisiológico
Arga de Cima	33	31	2
Arga de Baixo	43	35	8
Arga de S. João	27	21	6
Venade	242	194	48
Azevedo	68	34	34
Argela	100	95	5
Vilarelho	145	81	64
Caminha	529	439	90
Âncora	122	124	-2
Lanhelas	255	173	82
Seixas	533	457	76
Gondar	113	58	55
Vilar de Mouros	225	189	36
Moledo	200	176	24
Cristelo	74	51	23
Orbacém	124	85	39
Riba d'Âncora	196	159	37
Vile	46	40	6
Vila Praia de Âncora	745	554	191
Total	3820	2996	824

Fontes: Livros de registos paroquiais do concelho de Caminha.

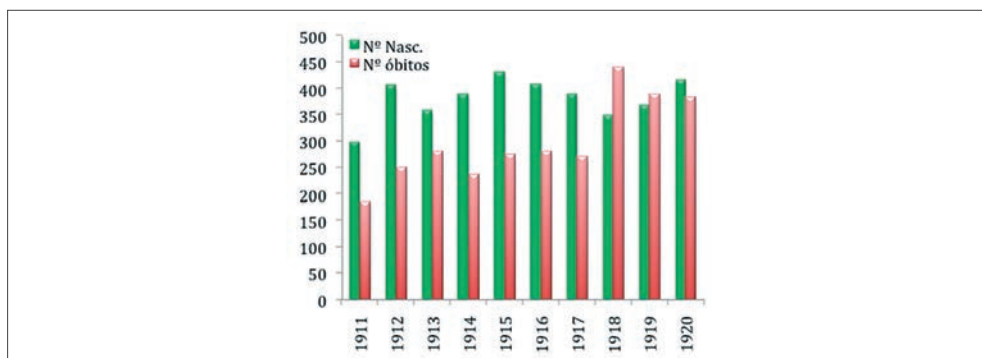
Saliente-se que, apesar dos constrangimentos populacionais do período, foram, em grande medida, as comunidades de Vilarelho, Caminha, Lanhelas, Seixas e Vila Praia de Âncora, as responsáveis pelo saldo fisiológico positivo, graças a uma economia associada à atividade piscatória e com nichos populacionais específicos.

Assim, podemos concluir que, ou os levantamentos de 1911 e de 1920 não expressam a realidade concelhia dos anos em causa, ou outros fatores condicionaram o crescimento populacional, como por exemplo a emigração, que constrangeria o normal movimento de reprodução das populações. Veja-se o exemplo de Vila Praia de Âncora (antiga paróquia de Gontinhães) onde, entre 1870 e 1920, emigraram 471 indivíduos⁴.

4. A INCIDÊNCIA DA PNEUMÓNICA NO CONCELHO DE CAMINHA

Continuando a explorar os dados provenientes dos assentos paroquiais de todo o concelho de Caminha, observamos que foi no ano de 1918 em que se detetou um maior desequilíbrio entre a vida e a morte (Gráfico 2), a favor desta última (350 nascimentos e 441 óbitos). Ao ano de 1919, corresponderam, respetivamente 369 e 389 atos e no seguinte, assistiu-se a uma tímida recuperação populacional – 417 nascimentos e 383 óbitos.

Gráfico 2 – Movimento de nascimentos e de óbitos no concelho de Caminha (1911-1920)



Fontes: Livros de registos paroquiais do concelho de Caminha

O movimento anormal de mortalidade registado entre 1918 e 1920, coincidiu com a ocorrência da *gripe espanhola* ou *pneumónica* em território português⁵, pandemia que foi relacionada com a movimentação de tropas após o final da I Grande Guerra. Ao regressarem ao seio das suas famílias e das suas comunidades, os soldados, portadores do vírus infeccioso, facilitaram a propagação e contágio através das fronteiras, países e continentes.

⁴ REGO, Maria Aurora Botão Pereira do – *De Santa Marinha de Gontinhães a Vila Praia de Âncora (1624-1924). Demografia, Sociedade e Família*. Vila Praia de Âncora: Junta de Freguesia de Vila Praia de Âncora, 2013, pp. 415-427.

⁵ GIRÃO, Paulo – *A pneumónica no Algarve*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2003, pp. 45-55.

Em Portugal, o número de vítimas da *gripe* iniciou claramente o seu trajeto ascendente em Junho (140 óbitos), passando em Julho para 377, em Agosto para 381 e em Setembro para 2 270 mortes. A pandemia atingiu o auge entre os meses de Outubro (31 785 óbitos) e Novembro (18 123), começando a regredir no mês seguinte (2 216). Segundo os dados oficiais, em 1918, morreram de gripe 55 780 pessoas, sendo 7 718 no distrito de Viana do Castelo e 155 no concelho de Caminha⁶. A incidência da pneumónica ocasionou um maior número de vítimas entre os menores de 5 anos e entre as faixas etárias dos 15 aos 34 anos e ainda no sexo feminino (26 144 homens e 29 636 mulheres)⁷.

4.1. O movimento de óbitos nas freguesias do concelho de Caminha entre 1916 e 1920

Sendo certo que os redatores paroquiais não registavam a causa do óbito no respetivo assento (a não ser de forma excecional), a análise do volume dos óbitos nos anos e meses críticos por freguesias e, tendo em conta a diversidade do território, atividades económicas, populações afetadas e sua caracterização, poderá conduzir a uma aproximação ao fenómeno da pneumónica e ao seu impacto na evolução populacional do concelho de Caminha.

Mapa 1 – Freguesias da Serra d'Arga



Gráfico 3 – Óbitos na freguesia de Argos de Baixo

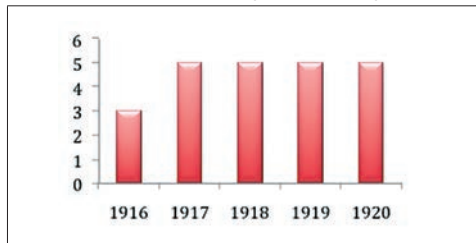


Gráfico 4 – Óbitos na freguesia de Argos de São João

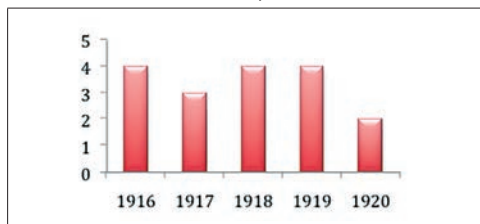
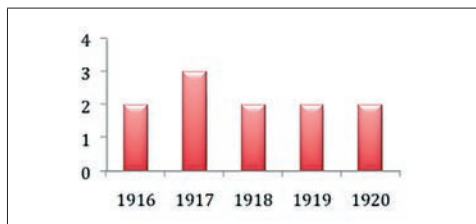


Gráfico 5 – Óbitos na freguesia de Argos de Cima



Fontes: Livros de registos paroquiais do concelho de Caminha

⁶ *Estatística do Movimento Fisiológico da População de Portugal de 1918*, Lisboa, Arquivos do Instituto Central de Higiene, Imprensa Nacional, 1922, p. 110. No ano de 1916, foram registados no concelho de Caminha 2 casos de gripe, em 1917, mais 2, em 1919, mais 6 e em 1920, 2 casos.

⁷ *Estatística do Movimento Fisiológico da População de Portugal, Ano de 1918* (1922), op. cit., pp. 70-71.

O grupo das freguesias pertencentes à Serra d'Arga (Mapa 1) – Arga de Baixo, Arga de Cima e Arga de São João – encontrou-se isolado até cerca de meados do século XX, mal servido por estruturas de comunicação. A sua população vivia essencialmente da pastorícia e de uma agricultura rudimentar, existindo uma forte mobilidade marital entre as três comunidades.

Apesar do aparente equilíbrio no número anual de óbitos nas três freguesias entre 1916 e 1920 (Gráficos 3, 4 e 5), a verdade é que a observação da média anual das idades ao óbito revelou que as comunidades não permaneceram imunes à epidemia (Anexo II).

Em Arga de Baixo, a média anual desceu de 70,6 em 1917 para 57,2 anos em 1918, devido à morte de dois homens com 19 e 48 anos entre Outubro e em Novembro. Em 1919, o contágio manteve-se, visível pelo internamento no Hospital da Misericórdia de Caminha de um indivíduo do sexo masculino natural desta freguesia, solteiro, 26 anos, polícia de profissão, com *gripe*⁸.

Em Arga de Cima, o óbito de indivíduos mais jovens nos anos de 1918 e 1919 originou a descida da média anual de idade ao óbito de cerca de 60 anos para 37,3 e 47,3 anos, respetivamente. Em 1919, destaca-se a morte de um recém-nascido de três meses e da sua progenitora um mês depois.

Apenas a aldeia de Arga de São João se manteve imune à epidemia, cifrando-se entre 77 e 82 anos, a média anual de idades ao óbito entre 1916 e 1920.

As populações do Vale do Coura (Mapa 2) viviam de uma policultura intensiva, complementada pela atividade da pesca fluvial, de pequenas unidades de moagem e de indústria da cal⁹.

Em Argela (Gráfico 6), entre Outubro e Dezembro de 1918, foram sinalizadas e subsidiadas 18 famílias infetadas, entre as quais se detetaram dois casos em que os progenitores se encontravam doentes, conjuntamente com quatro filhos¹⁰. De um total de 14 óbitos, 9 ocorreram em Novembro, atingindo as faixas etárias até aos 44 anos, refletindo uma média mensal ao óbito baixa – 33,4 anos. O contágio é claro, como no caso do óbito de dois irmãos – Abílio da Conceição Fernandes, 46 anos e de sua irmã Maria de Jesus, 44 anos, a 13 e 24 do mesmo mês. Em 1919, a dispersão sazonal dos óbitos foi a tónica, agravando-se a morte entre os mais velhos (idade média 59,2 anos). Ao contrário, em 1920, a mortalidade recaiu sobre os mais jovens, descendo a idade média para 36,1 anos.

⁸ A.D.V.C., *Livros de movimento de entrada de doentes no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Caminha*, cota 7.35.4.13, registo n.º 73.

⁹ REGO, Aurora Botão (2013) – *O concelho de Caminha. População, património e economia (1758-1849)*. Caminha: Universidade Sénior do Rotary Clube de Caminha, pp. 66-65; 72-73; 168-170; 178-182.

¹⁰ A.M.C., *Relatório dos seus trabalhos desde 15 de Outubro de 1918 a 14 de Dezembro do mesmo ano*, Comissão Angariadora de donativos para os pobres epidemiados, e suas famílias, de Caminha e arredores, cota 1.21.3.7-15, s/p.

Mapa 2 – Freguesias do Vale do Coura



Gráfico 6 – Óbitos na freguesia de Argela

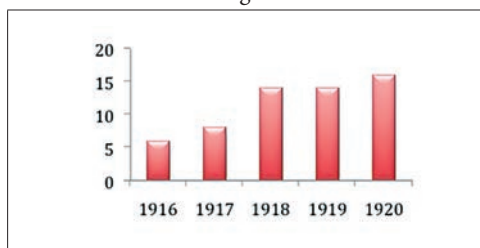


Gráfico 7 – Óbitos na freguesia de Vilar de Mouros

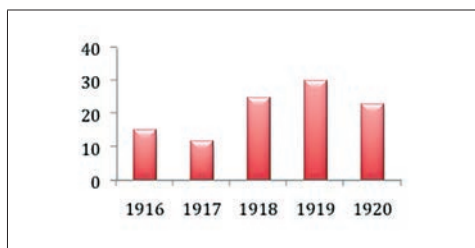


Gráfico 8 – Óbitos na freguesia de Venade

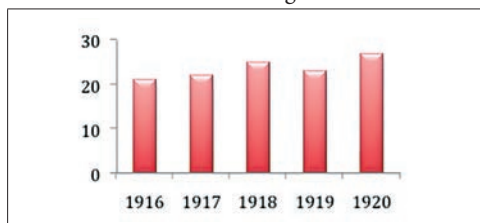
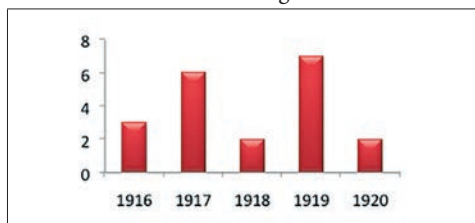


Gráfico 9 – Óbitos na freguesia de Azevedo



Fontes: Livros de registos paroquiais do concelho de Caminha

Em Vilar de Mouros (à exceção do ano de 1917) assistiu-se a uma tendência gradual de descida da média anual de idades ao óbito (Gráfico 7). Entre os meses de Outubro e Novembro de 1918, faleceram 13 indivíduos de um total de 25. As relações de parentesco entre as vítimas tornam-se evidentes, como no caso da família Pires Calçada: a 25 de Outubro morreram Maria Rosa Calçada, 45 anos e Teresa Maria, 23 anos, a 30 de Outubro João Luís, 3 anos, a 6 de Novembro João António, 9 anos.

Já em Venade (Gráfico 8), as médias anuais de idades ao óbito mantiveram-se próximas dos 48 anos, devido à incidência da mortalidade nas faixas etárias extremas. Entre 12 de Outubro e 21 de Novembro de 1918, morreram 12 indivíduos (50% do total do ano) que pertenciam a todas as faixas etárias. A epidemia ficou comprovada pelo internamento de João Rodrigues, jornaleiro de 34 anos, em 14 de Novembro, com gripe pneumónica e que faleceu no hospital logo no dia 20, e ainda pela atribui-

ção de subsídio a 13 famílias doentes, sendo que a mais numerosa possuía 7 pessoas infetadas. A epidemia cavalgou nos anos seguintes, em particular, entre os meses de Janeiro a Abril e Agosto.

Na pequena aldeia de Azevedo (Gráfico 9), a gripe não produziu efeitos no ano da sua deflagração, se bem que duas famílias tivessem auferidos donativos de forma a combater a doença¹¹. O contágio estendeu-se durante as primaveras seguintes, fazendo descer a média anual de idades a óbito de cerca de 70 anos para 48,5 e 43,5 anos.

Mapa 3 – Freguesias interiores do Vale do Âncora



Gráfico 10 – Óbitos na freguesia de Gondar

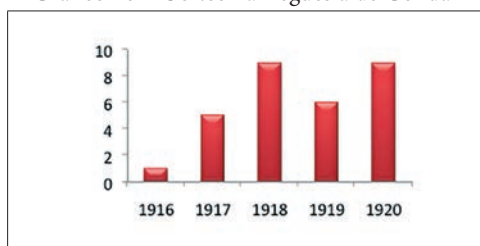


Gráfico 11 – Óbitos na freguesia de Orbacém

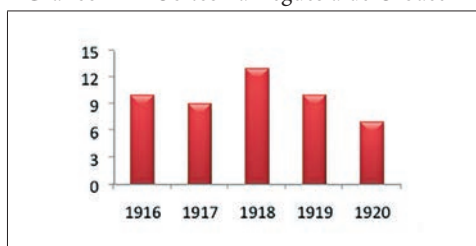


Gráfico 12 – Óbitos na freguesia de Vile

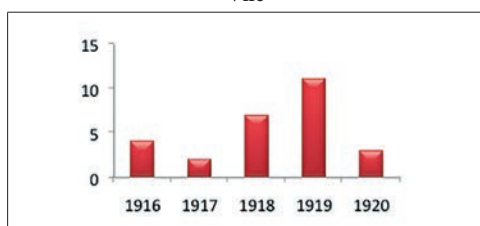
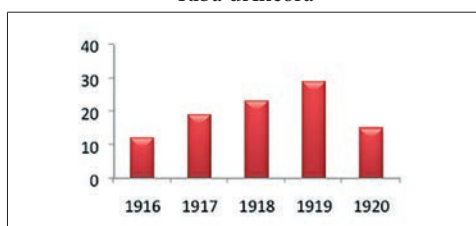


Gráfico 13 – Óbitos na freguesia de Riba d'Âncora



Fontes: Livros de registos paroquiais do concelho de Caminha

¹¹ A.M.C., *Relatório dos seus trabalhos desde 15 de Outubro de 1918 a 14 de Dezembro do mesmo ano*, op. cit.

As populações do Vale do Âncora (Mapa 3) complementavam uma ancestral economia agrícola de subsistência com acentuados movimentos de mobilidade masculina, em boa parte devido à sua especialização profissional relacionada com as artes da construção. Assim, durante séculos, se equilibraram, de forma precária, recursos e população¹².

Em Gondar (Gráfico 10), se entre 1917 e 1919, a média anual de idades ao óbito rondou os 52-54 anos, já em 1920, desceu para 24,9 anos, devido à incidência da morte sobre a população infantojuvenil.

Em Orbacém (Gráfico 11), enquanto nos anos de 1916 e 1917, a média anual de idades ao óbito girou à volta dos 60 anos, em 1918 desceu para os 40 anos. Neste ano, 61,5% das mortes ocorreu entre Outubro e Novembro, enquanto nos anos seguintes a incidência do óbito se estendeu entre os meses de Fevereiro e Maio. O contágio entre familiares fica exemplificado pela morte de Avelino Gonçalves, de 45 anos e de sua irmã Carolina, de 41 anos, ambos solteiros, a 10 e 29 de Fevereiro de 1920.

Em Vile (Gráfico 12), consideramos que o volume de óbitos, a sazonalidade e as médias anuais ao óbito não permitem retirar conclusões definitivas, dada a reduzida dimensão da paróquia e os valores aleatórios resultantes.

Já em Riba d'Âncora (Gráfico 13), o número de óbitos incrementou-se sucessivamente até 1919, associado a uma clara descida da média anual de idades ao óbito, com especial centralidade em 1918 (38 anos). Os óbitos encontrados entre Outubro e Novembro de 1918 correspondem a 60,8% do total. O contágio prosseguiu no ano de 1919, com sazonalidade dispersa, prolongando-se até ao início da primavera de 1920. Entre vários casos encontrados de defuntos com relações de parentesco, registamos os de Maria Delminda, 3 anos, que morreu a 15 de Novembro de 1918, seguido do de sua mãe Ana Rosa Martins Soares, 28 anos, a 24 de Novembro. A morte de Severino António Domingues, 19 anos, pedreiro, em 17 de Setembro de 1919, foi seguida pela de sua mãe Narcisa Rosa Martins, 50 anos, a 8 de Outubro. Ou ainda, Payo da Silva, 33 anos, morreu a 20 de Outubro de 1918, a filha Idalina de 6 anos a 30 do mesmo mês e a filha Rosalina, de 3 anos, a 27 de Agosto do ano seguinte.

Junto ao rio Minho, as populações dedicavam-se, para além de uma economia de subsistência, ao contrabando e à pesca fluvial (Mapa 4). Nesta ultima atividade, integravam-se populações com comportamentos reprodutivos específicos, comparativamente às populações rurais. Casavam mais cedo e o número de filhos era muito mais elevado¹³, pelo que a média anual das idades ao óbito é mais reduzida do que nas comunidades rurais.

¹² REGO, Aurora Botão (2013b) – op. cit., pp. 150-151.

¹³ REGO, Maria Aurora Botão Pereira do (2013a) – op. Cit., pp. 120-140.

Mapa 4 – Freguesias da ribeira Minho



Gráfico 14 – Óbitos da freguesia de Vilarelho

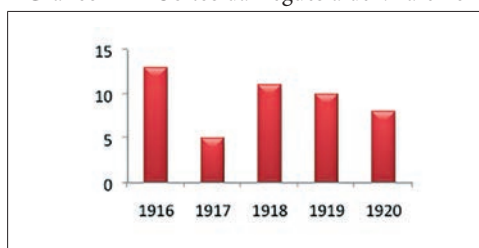


Gráfico 15 – Óbitos na freguesia de Lanhelas

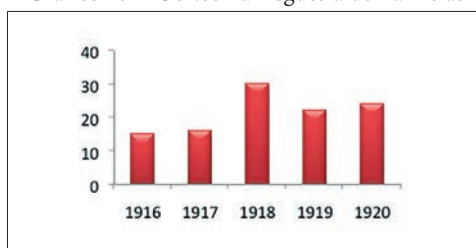


Gráfico 16 – Óbitos na freguesia de Seixas

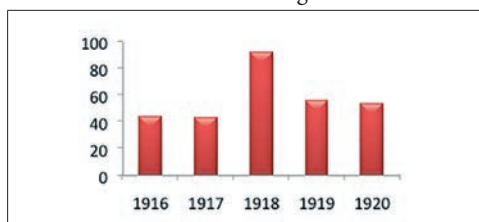
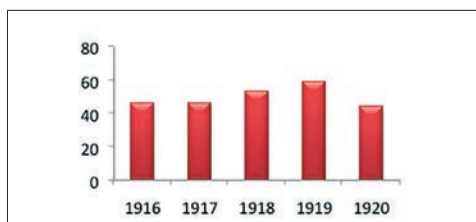


Gráfico 17 – Óbitos na vila de Caminha



Fontes: Livros de registos paroquiais do concelho de Caminha

Em Vilarelho (Gráfico 14), antigo berço de Caminha, eclodiu uma crise de mortalidade em 1916, nas crianças até aos 7 anos de idade. Em 1918, os óbitos registados entre Outubro e Novembro representaram 54,5% do total, com uma média anual de idades ao óbito de 36,5 anos. Entre Outubro e Dezembro de 1918, foram distribuídos donativos e leite a 22 famílias infetadas, sendo que na mais numerosa encontravam-se 11 pessoas doentes¹⁴. A crise de mortalidade expandiu-se até à primavera de 1919.

¹⁴ A.M.C., *Relatório dos seus trabalhos desde 15 de Outubro de 1918 a 14 de Dezembro do mesmo ano*, op. cit.

Em Lanhelas (Gráfico 15), a escola de canteiros era reputada e o contrabando comprovado¹⁵. A presença da comunidade piscatória fica refletida nas baixas médias anuais de idades ao óbito: máximo de 48,6 anos e um mínimo de 35,5 anos. Entre Outubro e Novembro de 1918, faleceram 15 pessoas, certamente de *gripe espanhola*, já que o movimento do hospital concelhio reportou o internamento de seis residentes, sofrendo da epidemia. A propagação estendeu-se aos anos seguintes e, em particular, à infância.

Seixas, outrora uma comunidade próspera, viu os seus efetivos descerem devido à forte emigração, consequência das novas estruturas de comunicação que lhes roubaram o seu principal sustento: o serviço de barcaçagem dos rios Coura e Minho. Permaneceu uma significativa comunidade piscatória. A tendência de descida da média anual das idades ao óbito entre 1916 e 1920 (máximo de 50,5 e mínimo de 38,1 anos) revela o impacto da mortalidade em populações menos favorecidas e em idades jovens (Gráfico 16). 55,4% do total de óbitos de 1918 ocorreu entre Outubro e Novembro, prolongando-se a mortalidade nos dois anos seguintes, com sazonalidade dispersa até à Primavera de 1920. Enquanto durante aqueles dois meses, foram atingidos mais fortemente os indivíduos entre os 20 e os 39 anos, nos anos seguintes foi a população infantojuvenil. As relações de parentesco dos defuntos comprovam o contágio no seio das famílias.

A população de Caminha, sede do concelho, dedicava-se ao comércio e às relações mercantis (em fase de declínio), pescas costeira e fluvial, pelo que a sua população se revelava muito heterógena quanto às atividades económicas e socioprofissionais. O efeito da mortalidade comprova-se pela contínua descida da média anual das idades ao óbito que, de 49,7 anos em 1916, atinge 36,6 anos em 1920, bem como pelo extraordinário número de famílias elencadas no rol das famílias subsidiadas¹⁶. Perto de 60% dos donativos recolhidos foram distribuídos por famílias de Caminha, confirmando-se a forte incidência da gripe na sede concelhia. Entre Outubro e Novembro de 1918, morreram 30 indivíduos, cujas cuja média de idades perfeitamente 30,5 anos, afetando todas as camadas etárias. Desde Setembro até ao debelar da pandemia, foram hospitalizados 69 caminhenses, dos quais 6 morreram internados. Apesar da dispersão de idades ao óbito em 1919, a morte atuou mais na infância até aos 7 anos (42,4% do total), com particular incidência nos meses de Agosto e Setembro (40,7%). Idêntica tendência se manifestou em 1920.

¹⁵ No dia 5 de Junho de 1917, o pároco de Lanhelas reportou a morte de Maria dos Prazeres Eiras, que «foi morta a tiro por um galego quando se entregava ao contrabando da farinha triga».

¹⁶ A.M.C., *Relatório dos seus trabalhos desde 15 de Outubro de 1918 a 14 de Dezembro do mesmo ano*, op. cit.

Mapa 5 – Freguesias do litoral do concelho de Caminha



Gráfico 18 – Óbitos na freguesia de Cristelo

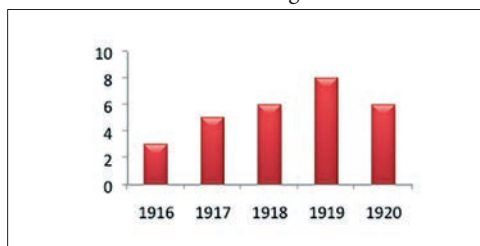


Gráfico 19 – Óbitos na freguesia de Moledo

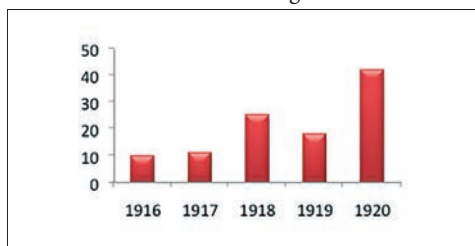


Gráfico 20 – Óbitos na freguesia de V. P. Âncora

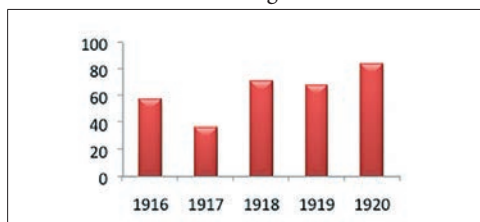
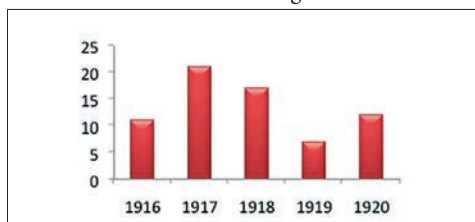


Gráfico 21 – Óbitos na freguesia de Âncora



Fontes: Livros de registos paroquiais do concelho de Caminha

A costa do litoral concelhio reparte-se por quatro freguesias (Mapa 5) – Cristelo, Moledo, Vila Praia de Âncora e Âncora – com diferentes realidades socioeconómicas e culturais. Os seus centros comunitários rurais foram atravessados pela estrada real e pelos caminhos-de-ferro em finais do século XIX e todas as freguesias conheceram percursos distintos. A população de Cristelo permaneceu interiorizada no sopé da serra, da mesma forma que a de Moledo, se bem que animada, durante o Verão, pela praia. Vila Praia de Âncora alavancou a sua economia através dos banhos terapêuticos (com atividade reportada desde finais do Setecentos) e o desenvolvimento da pesca, a partir de 1825¹⁷. A população de Âncora, afastada do litoral, emigrou e o seu crescimento estagnou.

¹⁷ REGO, Maria Aurora Botão Pereira do (2013a) – op. cit., pp. 247-249.

Foi reduzido o número de óbitos entre 1916 e 1920 na freguesia de Cristelo (Gráfico 18). Certo é que em 1918, ocorreram quatro óbitos durante os meses críticos da pandemia da gripe, que refletiram uma média de idades de 47 anos. Acresce ainda que 12 famílias foram agraciadas com donativos, o que comprova que a pneumónica atingiu também esta comunidade. A tendência de aumento do número de óbitos nos anos de 1919 e 1920 apresentou-se semelhante à das demais freguesias, levando a crer que a epidemia se estendeu ao longo dos mesmos.

Em Moledo (Gráfico 19), a média anual de idades ao óbito regista uma descida contínua desde 1916 a 1920 – 47,7 anos em 1916, 39,7 anos em 1918 e 33,5 anos em 1920. Em 1918, faleceram durante o período crítico 16 pessoas, com uma média de idades de 29,3 anos. Em 1919, 66,7% dos óbitos ocorreu entre Julho e Outubro e em 1920, nova epidemia deflagrou entre Agosto e Novembro, com 16 mortes de indivíduos com uma baixa média de idades ao óbito (26 anos), atestando a incidência da mortalidade entre os mais jovens.

Em Vila Praia de Âncora coexistiam duas comunidades populacionais distintas: a rural, com comportamentos de reprodução social refletidos no adiamento da transmissão da propriedade, e a piscatória, de origem galega, com altas taxas de fecundidade e pouco acesso à terra. Esta dualidade projeta-se ao óbito, como é o caso da crise de mortalidade de Janeiro de 1916 que se circunscreveu à área marítima, atingindo a população infantojuvenil (Gráfico 20). A *gripe espanhola* de 1918, que parece estar na origem da morte de 45 pessoas, atingiu principalmente os sectores profissionais ligados à pesca (66,7%) e ainda a profissões sujeitas a uma maior probabilidade de contágio (ferroviários, cocheiros, empregados, fiscais da alfândega – 17% dos casos). O facto de 88% das mortes se ter localizado na zona ribeirinha vem confirmar a maior vulnerabilidade da população marítima a esta epidemia. Em 1919 e 1920, respetivamente, 42,6% e 61,9% dos falecidos tinham idades até aos 19 anos e pertenciam a franjas sociais desfavorecidas.

Em Âncora (Gráfico 21), a estagnação populacional é observada pela média de idades ao óbito até 1918 (a rondar os 58 anos), que descenderam nos anos seguintes, embora com reservas devido ao reduzido número de observações. Durante os meses de Outubro e Novembro de 1918, morreram 7 indivíduos, com idades superiores aos 17 anos (média de 46,6 anos). A sazonalidade ao óbito entre 1919 e 1920 apresentou-se dispersa e a morte incidiu na população mais jovem.

É de notar que, por regra, no concelho de Caminha se encontraram estreitas relações de parentesco entre os indivíduos falecidos no auge da eclosão da pneumónica (pais e filhos, marido e mulher, irmãos). O volume de óbitos ocorridos nos anos de 1919 e 1920 evidenciou a continuidade da morte no mesmo contexto familiar e, em particular, na população infantojuvenil. Pode concluir-se que, para além do contágio, a exaustão física nas idades mais vulneráveis, associada a carências alimentares e a fragilidades sanitárias dos núcleos domésticos, estiveram na origem de um contexto penalizador ao óbito até 1920.

A pandemia da pneumónica fez vítimas um pouco por todo o concelho, se bem que com maiores perdas humanas nas freguesias de Caminha, Seixas e Vila Praia de Âncora (Anexo III), principais comunidades piscatórias do concelho. A *gripe* desenvolveu-se, numa primeira fase, no litoral e freguesias ribeirinhas, expandindo-se, posteriormente, às comunidades do interior do concelho. Nenhuma ficou imune à sua passagem. Se a epidemia não atuou em 1918, produziu os seus efeitos nos anos larvares subsequentes.

4.2. Caracterização dos indivíduos falecidos no concelho de Caminha entre Outubro e Novembro de 1918

Segundo os dados oficiais, em Portugal a epidemia da gripe ocasionou um maior número de vítimas no sexo feminino. Quanto à sua dispersão pelas diferentes faixas etárias, até aos 9 anos os meninos foram os mais penalizados, sendo que em idades superiores a epidemia recaiu nos indivíduos do sexo feminino¹⁸.

Pretendemos agora efetuar uma aproximação à caracterização dos indivíduos falecidos no concelho de Caminha, durante a deflagração da epidemia – faixas etárias, género, estado civil dos adultos e perfil socioprofissional – e comparar os comportamentos nacionais com os concelhios.

Da totalidade dos óbitos ocorridos no ano de 1918, isolámos os indivíduos falecidos entre Outubro e Novembro, partindo do princípio que a esmagadora maioria teria sucumbido aos efeitos da *pneumónica*, dado o carácter sistemático dos atos e o seu registo sequencial e cronológico. Assim, contabilizaram-se 241 pessoas, valor superior ao reportado oficialmente.

Quadro 2 – Óbitos no concelho de Caminha (Outubro e Novembro de 1918)

Populações	N	%
Crianças	61	25,3
15 e + anos	180	74,7
Total	241	100

Fontes: Livros de registos paroquiais do concelho de Caminha.

Nos quadros 2 e 3, podemos observar que 25,3% dos óbitos ocorreu em idades até aos 14 anos inclusive. Se existe um relativo equilíbrio entre o número de óbitos das meninas e dos meninos, nota-se que a morte foi mais penalizadora para o sexo masculino, na faixa etária entre 1 e 9 anos.

¹⁸ *Estatística do Movimento Fisiológico da População de Portugal de 1918*, Lisboa, Arquivos do Instituto Central de Higiene, Imprensa Nacional, 1922, pp. 100-101 e 158-159.

Quadro 3 – Óbitos da população infantojuvenil (Outubro e Novembro de 1918)

Idades	F		M		F+M	
	N	%	N	%	N	%
< de 1 ano	10	16,4	7	11,5	17	27,9
1 a 4 anos	10	16,4	14	23,0	24	39,3
5 a 9 anos	6	9,8	9	14,8	15	24,6
10 a 14 anos	4	6,6	1	1,6	5	8,2
Total	30	49,2	31	50,8	61	238

Fontes: Livros de registos paroquiais do concelho de Caminha.

Quanto à população adulta (74,7% do total), constatamos que morreu um número bem mais elevado de mulheres (62,8%), sendo estas mais penalizadas nas idades entre os 20 e 34 anos, e os homens entre os 15 e os 34 anos e ainda na faixa dos 55 aos 59 anos (Quadro 4).

Quadro 4 – Óbitos da população com mais de 15 anos (Outubro e Novembro de 1918)

Idades	F		M		F+M	
	N	%	N	%	N	%
15-19	5	4,4	9	13,4	14	7,8
20-24	13	11,5	6	9,0	19	10,6
25-29	16	14,2	6	9,0	22	12,2
30-34	12	10,6	8	11,9	20	11,1
35-39	2	1,8	4	6,0	6	3,3
40-44	10	8,8	5	7,5	15	8,3
45-49	4	3,5	3	4,5	7	3,9
50-54	8	7,1	3	4,5	11	6,1
55-59	1	0,9	8	11,9	9	5,0
60-64	5	4,4	4	6,0	9	5,0
65-69	6	5,3	1	1,5	7	3,9
70-74	10	8,8	2	3,0	12	6,7
75-79	7	6,2	2	3,0	9	5,0
80-84	8	7,1	3	4,5	11	6,1
85-89	4	3,5	2	3,0	6	3,3
90 e +	1	0,9	0	0,0	1	0,6
Indeterm.	1	0,9	1	1,5	2	1,1
Total	113	100,0	67	100,0	180	100,0

Fontes: Livros de registos paroquiais do concelho de Caminha.

Relativamente ao estado civil dos falecidos com mais de 15 anos (Quadro 5), registamos que foram as mulheres solteiras as mais atingidas pela morte (29,4%) e os homens casados (23,3%). Sendo que os níveis de viuvez, se apresentam, em regra, superiores no sexo feminino devido a fatores de longevidade, migração diferencial e condições de trabalho, os valores referentes ao concelho de Caminha confirmam essa prevalência (14,4% de viúvas e 2,2% de viúvos).

Quadro 5 – Estado civil da população com mais de 15 anos (Outubro e Novembro de 1918)

Estado civil	F		M		Total	
	N	%	N	%	N	%
Casado	30	16,7	42	23,3	72	40,0
Solteiro	53	29,4	19	10,6	72	40,0
Viúvo	26	14,4	4	2,2	30	16,7
Indeterminado	2	1,1	4	2,2	6	3,3
Total	111	61,7	69	38,3	180	100,0

Fontes: Livros de registos paroquiais do concelho de Caminha.

Quanto à profissão registada pelos párocos (Quadro 6), verificamos que 65,6% dos indivíduos se dedicavam ao sector primário, 9,4% ao secundário, encontrando-se valores residuais para o comércio e serviços (4,4% cada), e ainda 16,1% de indeterminados e mendigos.

Subsistem dúvidas quanto ao nível económico dos lavradores (27,8%), a que agregados familiares se encontravam associadas as mulheres domésticas (23,9%) e, ainda a que extratos sociais pertenciam às crianças, que representavam 25,3% do total dos óbitos.

Quadro 6 – Profissão dos indivíduos com mais de 15 anos (Outubro e Novembro de 1918)

Ocupação	N	%
Marinheiro	1	0,6
Pescador/peixeira	11	6,1
Lavrador/eira	50	27,8
Jornaleiro/a	7	3,9
Criada (o) de servir	6	3,3
Doméstica	43	23,9
Subtotal	118	65,6
Canteiro	3	1,7
Pedreiro	3	1,7
Carpinteiro	5	2,8

Pintor	4	2,2
Caiador	1	0,6
Telheira	1	0,6
Subtotal	17	9,4
Negociante/comerciante	3	1,7
Barbeiro	1	0,6
Costureira	2	1,1
Tecedeira	1	0,6
Sapateiro	1	0,6
Subtotal	8	4,4
Ferroviário	1	0,6
Cabo da polícia/soldado	2	1,1
Fiscais/zelador/guarda-rios/monteiro	4	2,2
Presbítero	1	0,6
Subtotal	8	4,4
Mendigo/indigente	7	3,9
Indeterminados	22	12,2
Subtotal	29	16,1
Total	180	200,0

Fontes: Livros de registos paroquiais do concelho de Caminha.

Tomando como exemplo o caso de Vila Praia de Âncora no Anexo IV (freguesia onde é conhecida a procedência social de praticamente todos os indivíduos devido à reconstituição desta comunidade histórica em longa duração e em encadeamento genealógico, segundo o método de Amorim¹⁹), concluímos que 57,4% dos falecidos pertenciam ao sector primário e, destes, 40,4% pertenciam a famílias de pescadores.

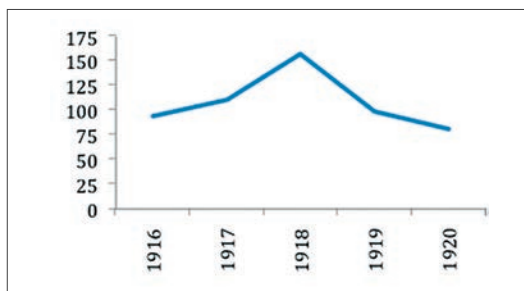
Em resumo, entre os meses de Outubro e Novembro de 1918, o conjunto dos indivíduos falecidos caracterizou-se por obedecer aos padrões etários e de sexo encontrados para a população nacional – forte incidência nas crianças até aos 9 anos, em particular nas do sexo masculino, forte incidência na população feminina adulta entre os 20 e os 34 anos, e entre as solteiras. Consideramos que a epidemia não foi socialmente seletiva, no entanto, o contágio e a morte ocorreu predominantemente entre os grupos sociais mais desfavorecidos, devido à existência de fracos recursos económicos e à prevalência de condições graves de saúde e de higiene no seio destes núcleos familiares.

¹⁹ AMORIM, Maria Norberta – «Uma metodologia de Reconstituição de Paróquias desenvolvida sobre registos paroquiais portugueses». In *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, IX, 1, 1991.

5. O MOVIMENTO DE DOENTES NO HOSPITAL DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE CAMINHA

Importa agora verificar o movimento de entrada dos doentes do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Caminha – sazonalidade dos internamentos, número de óbitos, expansão da pandemia, caracterização dos doentes internados – no sentido de aferir e confrontar os resultados com os obtidos para as freguesias que enformam o concelho de Caminha.

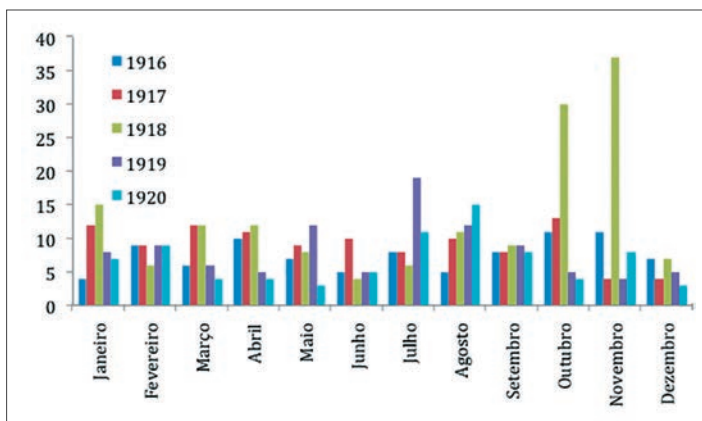
Gráfico 22 – Número de internamentos no Hospital da Misericórdia de Caminha (1916-1920)



Através do Gráfico 22, podemos verificar que o número de internamentos durante 1918 foi bem mais significativo que nos anos enquadrantes, registando-se um máximo de 157 entradas nesse ano e um mínimo de 81 em 1920.

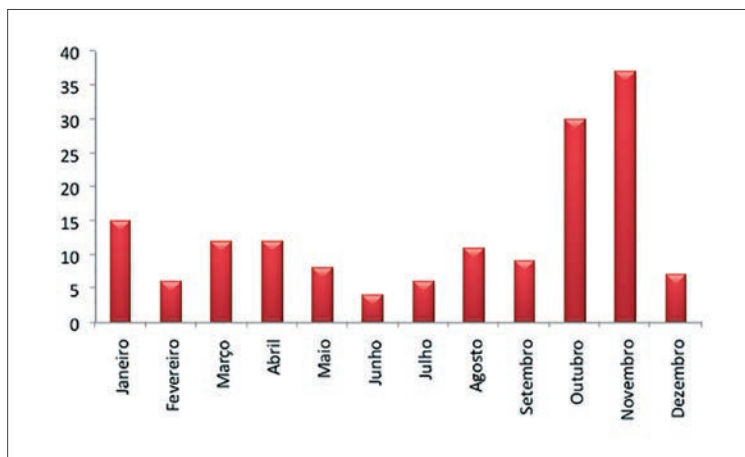
Como podemos observar nos Gráficos 23 e 24, o movimento sazonal de internamento de doentes no Hospital, entre 1916 e 1920, revela que foi durante os meses de Outubro e Novembro de 1918, em que se verificou um número anómalo de entradas.

Gráfico 23 – Sazonalidade dos internamentos no Hospital da Misericórdia de Caminha (1916-1920)



Fonte: A.D.V.C., *Livros de movimento de entrada de doentes no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Caminha*

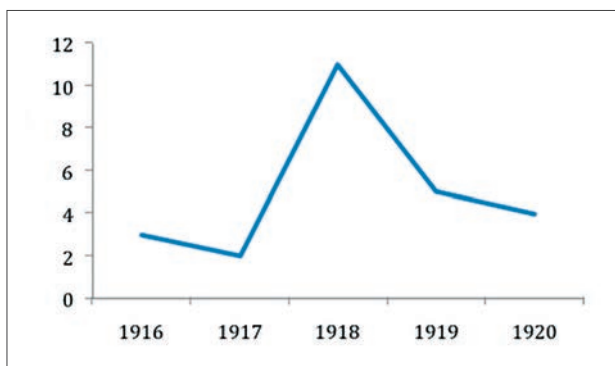
Gráfico 24 – Sazonalidade dos internamentos no Hospital da Misericórdia de Caminha (1918)



Fonte: A.D.V.C., *Livros de movimento de entrada de doentes no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Caminha*

Podemos ainda constatar que o número de óbitos de doentes internados (Gráfico 24) foi mais elevado em 1918, ou seja, 11 ocorrências das quais 7 correspondem a mortes por gripe, entre os meses de Outubro e Novembro do mesmo ano.

Gráfico 25 – Volume de óbitos no Hospital da Misericórdia de Caminha (1916-1920)



Fonte: A.D.V.C., *Livros de movimento de entrada de doentes no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Caminha*

Todos os movimentos relativos ao internamento e óbito do Hospital da Misericórdia confirmam idêntica evolução encontrada no conjunto das freguesias do concelho de Caminha – deflagração exponencial durante os meses de Outubro e Novembro de 1918.

5.1. Caracterização dos doentes internados no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Caminha

Através do Quadro 7 constatamos, de forma geral, que às faixas etárias entre os 10 e 39 anos corresponde uma maior percentagem de doentes internados. No ano de 1918, à semelhança das concentrações de idades ao óbito do conjunto das paróquias do concelho de Caminha, as idades entre os 15 e os 34, foram as mais atingidas pela pandemia.

Quadro 7 – Idades dos doentes internados no Hospital da Misericórdia de Caminha (1916-1920)

Grupos de idades	1916		1917		1918		1919		1920	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
< de 5 anos	1	1,1	2	1,8	0	0,0	1	1,0	1	1,2
5-9	1	1,1	1	0,9	2	1,3	4	4,0	2	2,5
10 a 14	7	7,4	2	1,8	9	5,7	10	10,1	3	3,7
15 a 19	8	8,5	12	10,9	22	14,0	15	15,2	6	7,4
20 a 24	30	31,9	28	25,5	31	19,7	15	15,2	15	18,5
25 a 29	12	12,8	20	18,2	25	15,9	19	19,2	11	13,6
30 a 34	9	9,6	8	7,3	15	9,6	4	4,0	10	12,3
35 a 39	0	0,0	8	7,3	9	5,7	10	10,1	8	9,9
40 a 44	1	1,1	5	4,5	7	4,5	4	4,0	4	4,9
45 a 49	3	3,2	4	3,6	10	6,4	8	8,1	4	4,9
50 a 54	5	5,3	4	3,6	9	5,7	4	4,0	4	4,9
55 a 59	6	6,4	3	2,7	8	5,1	0	0,0	1	1,2
60 a 64	3	3,2	2	1,8	3	1,9	0	0,0	3	3,7
65 a 69	1	1,1	0	0,0	2	1,3	3	3,0	3	3,7
70 e +	2	2,1	6	5,5	3	1,9	2	2,0	2	2,5
Indeterm.	5	5,3	5	4,5	2	1,3	0	0,0	4	4,9
Total	94	100,0	110	100,0	157	100,0	99	100,0	81	100,0

Fonte: A.D.V.C., *Livros de movimento de entrada de doentes no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Caminha*

Procedeu-se ao isolamento da informação relativa a todos os doentes internados com gripe, entre o dia 1 de Setembro e o dia 11 de Dezembro de 1918, a fim de se caracterizar a população internada.

Podemos observar no Quadro 8 que a pneumónica atingiu com maior peso os indivíduos com idades compreendidas entre os 15 e os 34 anos e elementos do sexo masculino (58,6%). O maior volume de doentes masculinos (ao contrário do que aconteceu na análise por freguesias e ao nível nacional) é explicável pelo facto de a epidemia ter sido introduzida no concelho de Caminha por marinheiros e pescadores e, só mais tarde, ter sido a mesma propagada ao seio das famílias e da rede da vizinhança dos infetados.

Quadro 8 – Idade dos doentes internados com gripe no Hospital da Misericórdia de Caminha (Setembro-Dezembro de 1918)

Grupos de idades	F		M		F+M	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
< de 5 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0
5--9	0	0,0	1	2,4	1	1,4
10 a 14	0	0,0	3	7,3	3	4,3
15 a 19	3	10,3	8	19,5	11	15,7
20 a 24	3	10,3	7	17,1	10	14,3
25 a 29	3	10,3	7	17,1	10	14,3
30 a 34	4	13,8	6	14,6	10	14,3
35 a 39	2	6,9	3	7,3	5	7,1
40 a 44	3	10,3	1	2,4	4	5,7
45 a 49	4	13,8	0	0,0	4	5,7
50 a 54	3	10,3	2	4,9	5	7,1
55 a 59	2	6,9	1	2,4	3	4,3
70 e +	1	3,4	1	2,4	2	2,9
Indeterminados	1	3,4	1	2,4	2	2,9
Total	29	100,0	41	100,0	70	100,0

Fonte: A.D.V.C., *Livros de movimento de entrada de doentes no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Caminha*

Pelas mesmas razões anteriores, a pandemia incidiu sobremaneira nos homens (solteiros – 30% e casados – 25,7%), devido às atividades profissionais desenvolvidas e a uma maior probabilidade de contágio com agentes infetados oriundos do exterior do concelho (Quadro 9).

Quadro 9 – Estado civil dos doentes internados com gripe no Hospital da Misericórdia de Caminha (Setembro-Dezembro de 1918)

Estado civil	F		M		F+M	
	N	%	N	%	N	%
Casado	13	18,6	18	25,7	31	44,3
Solteiro	14	20,0	21	30,0	35	50,0
Viúvo	2	2,9	0	0,0	2	2,9
Indeterminados	0	0,0	2	2,9	2	2,9
Total	29	41,4	69	58,6	70	100

Fonte: A.D.V.C., *Livros de movimento de entrada de doentes no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Caminha*

A análise das profissões dos doentes de pneumónica (Quadro 10) parece refletir, a exemplo de Vila Praia de Âncora, que a doença se propagou principalmente entre as camadas mais desfavorecidas e com maior contacto com o exterior – pescadores e marinheiros, barqueiros, remeiros, fiscais e ferroviários. O contágio depois processou-se, como já foi referido, no seio das relações de parentesco e de vizinhança.

Quadro 10 – Ocupação dos doentes internados com gripe no Hospital da Misericórdia de Caminha (Setembro-Dezembro de 1918)

Profissão	N	%
Marinheiro	10	14,3
Pescador/peixeira	9	12,9
Jornaleiro/a	11	15,7
Criado/a	4	5,7
Doméstica	16	22,9
Subtotal	50	71,4
Caiador	1	1,4
Carpinteiro	1	1,4
Pintor	2	2,9
Subtotal	4	5,7
Barbeiro	1	1,4
Louceira	1	1,4
Modista	1	1,4
Sapateiro	2	2,9
Subtotal	5	7,1
Remador	1	1,4
Barqueiro	2	2,9
Carrejona	1	1,4
Fiscal	1	1,4
Varredor	1	1,4
Subtotal	6	8,6
Indeterminado	5	7,1
Total	70	100,0

O primeiro infetado pela gripe pneumónica – Constantino Silva, 2º marinheiro, de 20 anos – deu entrada no Hospital da Misericórdia no dia 1 de Setembro. O segundo doente a 27 de Setembro, Damião Loureiro, carpinteiro, 32 anos. A 8 de Outubro, foi a vez de Zeferino Anselmo, também 2º marinheiro, de 25 anos. A partir do dia 14 de Outubro, mais três grumetes e dois pescadores, com idades entre os 22 e os 30 anos. Os primeiros 10 doentes eram todos naturais da sede concelhia.

A partir de 23 de Outubro, o ritmo de internamentos acelerou, com 3 a 4 entradas diárias de doentes. A primeira mulher – Maria da Conceição, casada, doméstica, 38 anos – foi internada no dia 23 e faleceu passados 4 dias. A segunda mulher chamava-se Marcelina Viana, era peixeira, de 23 anos.

O internamento de doentes só começou a espaçar-se a partir do dia 25 de Novembro. Em 30 de Novembro foram internados mais duas jornaleiras, no dia 1 de Dezembro mais dois homens e no dia 4, foi registado o último doente com gripe no ano de 1918 – Amaro da S. Vieira, casado, pescador, de 36 anos.

Saliente-se que do total dos 70 doentes internados com gripe, apenas 8 não eram naturais de Caminha. Fatores como contiguidade residencial, distância geográfica entre a sede concelhia e as freguesias, rede de conhecimentos, exiguidade das dependências assistenciais, ou montagem de hospitais provisórios noutras comunidades infetadas e com maior peso populacional, deverão estar na origem deste fenómeno.

Comparando os resultados obtidos quanto à caracterização dos doentes internados por gripe com os indivíduos falecidos nas freguesias do concelho de Caminha em idêntico período, constatamos que o perfil coincide quanto aos grupos etários e sociais afetados. A única exceção relaciona-se a um maior volume de internados do sexo masculino, devido à anterioridade do seu contágio.

6. INFLAÇÃO DA MOEDA, CRISE ALIMENTAR, MISÉRIA E FOME

Apesar da severidade com que a população do concelho de Caminha foi atingida pela pandemia da gripe, estamos em crer que a mesma não constituiu a única causa que esteve na origem do fraco crescimento demográfico verificado entre 1911 e 1920.

De facto, ficou provado que as famílias mais atingidas pertenciam às camadas sociais mais desfavorecidas. Estas populações, vivendo em precárias condições de higiene e de saúde, possuíam um reduzido acesso à terra e aos bens alimentares essenciais. É do senso comum que os indivíduos com organismos debilitados encontram-se mais sujeitos a contágios e infeções. E a verdade é que havia fome no concelho de Caminha...

A análise dos preços dos géneros²⁰, preços que foram tabelados pela edilidade municipal, permite compreender a extraordinária inflação dos bens de primeira necessidade. Esta exacerbada subida de preços, generalizada a todo o país, que se fez sentir principalmente após a Implantação da jovem República e a subsequente mudança da moeda, ficou também a dever-se ao temor da Grande Guerra, à entrada de Portugal na mesma em 1916, e ao subsequente movimento de açambarcamento e de especulação exercido sobre os bens.

Gráfico 26 – Preço do trigo
(1900-1920)

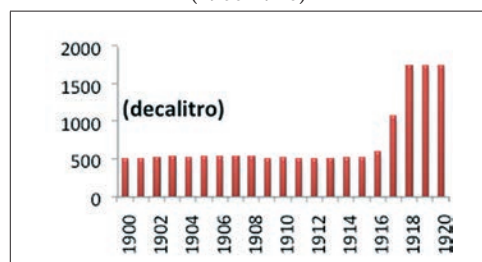


Gráfico 27 – Preço do centeio
(1900-1920)



Gráfico 28 – Preço do milho
(1900-1920)

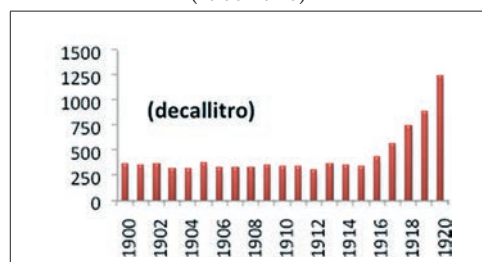


Gráfico 29 – Preço do pão meado
(1900-1920)

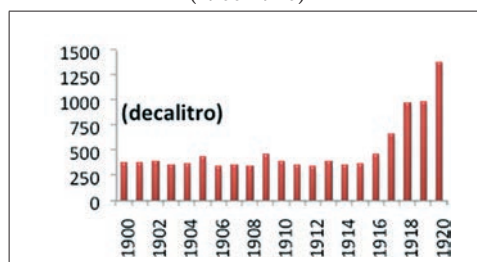


Gráfico 30 – Preço do feijão vermelho
(1900-1920)

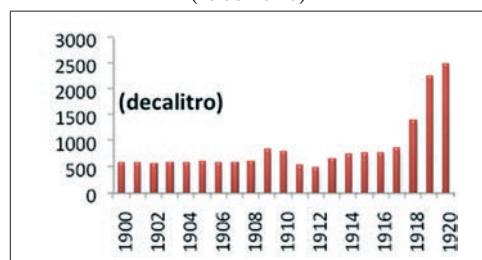
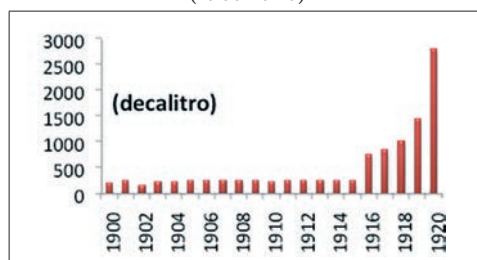


Gráfico 31 – Preço da batata
(1900-1920)



²⁰ A.M.C., *Livro de tarifa dos preços dos géneros, 1862-1924*, cota 1.2.2.1.

QUANDO A PNEUMÔNICA SE ABATEU SOBRE A POPULAÇÃO DO CONCELHO DE CAMINHA.
UMA APROXIMAÇÃO AO SEU IMPACTO

Gráfico 32 – Preço da castanha verde
(1900-1912)

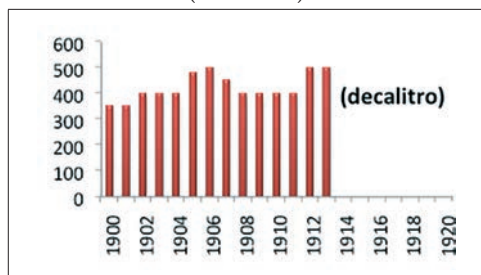


Gráfico 33 – Preço do vinho
(1900-1920)

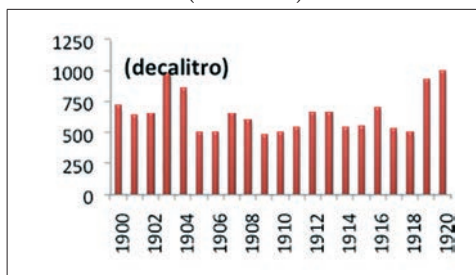


Gráfico 34 – Preço do azeite
(1900-1920)

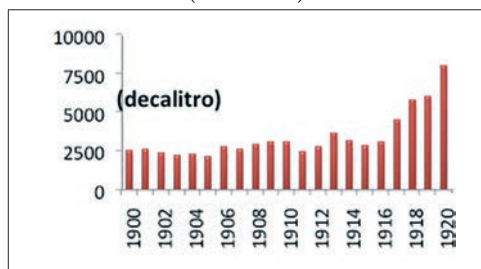


Gráfico 35 – Preço da manteiga nacional
(1900-1914)

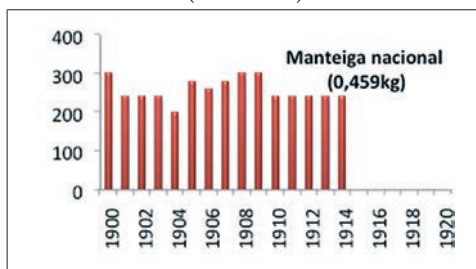


Gráfico 36 – Preço da galinha
(1900-1920)

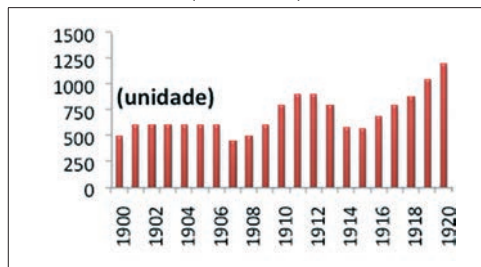


Gráfico 37 – Preço do frango
(1900-1913)

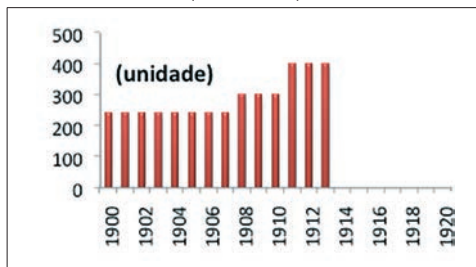


Gráfico 38 – Preço da pescada
(1900-1913)

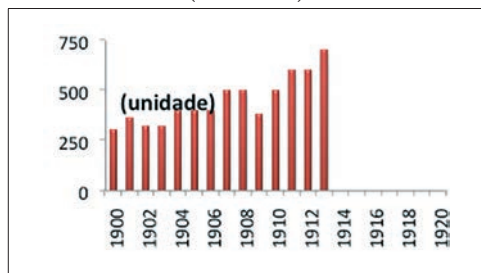


Gráfico 39 – Preço dos ovos
(1900-1924)

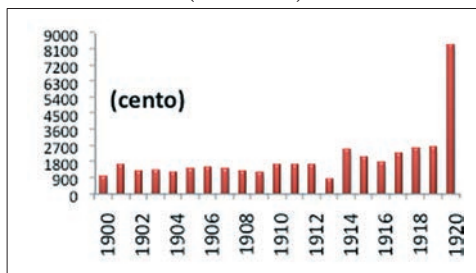
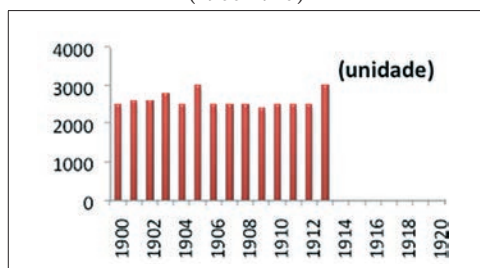
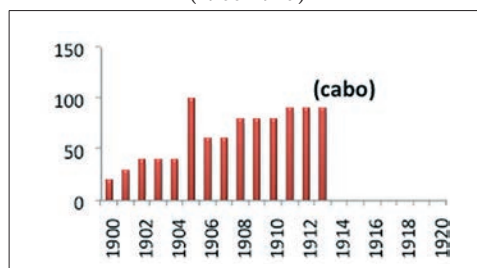
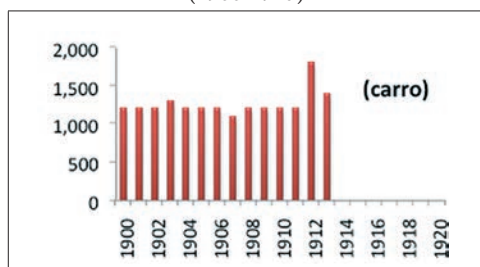
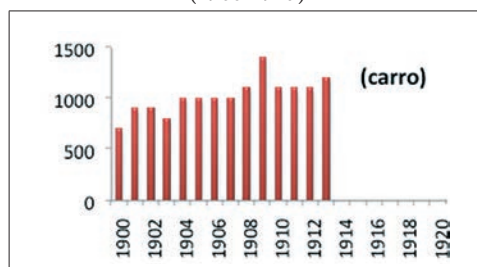


Gráfico 40 – Preço do carneiro
(1900-1913)Gráfico 41 – Preço da cebola
(1900-1913)Gráfico 42 – Preço do carro de lenha
(1900-1913)Gráfico 43 – Preço do carro de mato
(1900-1913)

Pela análise dos preços de alguns bens tabelados (Gráficos 26 a 43), nomeadamente os cereais – trigo, centeio, milho, pão meado – verificamos que, na sua maioria, os preços se mantiveram relativamente estáveis até 1913. Porém, a partir de então, os valores dispararam em flecha, quadruplicando em muitos casos. Outros alimentos, como por exemplo, a castanha, manteiga, frango, pescada, sável, lampreia, carneiro, cabrito – deixaram de figurar na Tarifa de Preços, devido ao seu desaparecimento do mercado.

Em concordância com o que tem sido exposto, em Vila Praia de Âncora, no dia 18 de Janeiro de 1914, foi entregue uma reclamação de moradores locais na Junta de Paróquia de então, pedindo providências contra «os açambarcadores de géneros, frutas, ovos, etc., que comprem tudo antes de as deixarem chegar ao mercado»²¹. Ainda na mesma freguesia, benemérito local legou em testamento à Junta de Paróquia, em 1912, «um conto e quinhentos mil réis para comprar título de juro de três por cento (...) e com o rendimento destes títulos socorrerá os pobres mais necessitados da mesma freguesia», através da distribuição perpétua de géneros aos pobres, durante a Páscoa e Natal²². De molde a auxiliar algumas famílias, a Junta de Paróquia eleita em 1919,

²¹ A.J.F.V.P.A, 4º Livro de Actas – 1906-1926, Acta de 18 de Janeiro de 1914.

²² REGO, Maria Aurora Botão Pereira do – op. cit., pp. 297.

elaborou vários projetos de beneficiação de arruamentos e reclamava oficialmente verbas para as mesmas, uma vez que «receosa do futuro» e a fim de prevenir «a crise de trabalho, que tanto faz aumentar a emigração (...) a fim de proporcionar trabalho a alguns chefes de família e assim poder afastar os horrores da fome»²³.

As populações mais pobres, face ao açambarcamento, especulação e inflação de preços, não possuíam meios para adquirir os bens alimentares de primeira necessidade e, por conseguinte, de favorecer uma dieta equilibrada. Esta situação é facilmente comprovada pela gravosa mortalidade infantojuvenil observada nas paróquias do concelho, pela recorrente entrada de doentes adultos no Hospital da Misericórdia de Caminha sofrendo de anemia, de «debilidade física» ou de «cansaço», ou ainda pelo óbito registado de inúmeros mendigos, indigentes ou pobres.

7. QUANDO A PNEUMÔNICA SE ABATEU SOBRE O CONCELHO DE CAMINHA – PEDIDOS DE AUXÍLIO E MOVIMENTOS LOCAIS DE APOIO ÀS FAMÍLIAS CARENCIADAS E EPIDEMIADAS

O papel do Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Caminha

Como vimos, o primeiro doente infetado com gripe foi internado a 1 de Setembro. De forma dispersa, a partir de meados do mês, faleceram três indivíduos da mesma doença (ao que tudo indica pelo perfil etário e socioeconómico) – António Martins Pereira, mendigo, de Caminha, a 17 de Setembro. Dois pescadores em Vila Praia de Âncora (Faustino Gonçalves, de 21 anos, a 26 de Setembro e Caetano Pereira, de 31 anos, a 29 de Setembro). No entanto, nada fazia prever as dimensões da pandemia que estava prestes a abater-se sobre o concelho de Caminha.

Entre 5 e 8 de Novembro, ocorreram mais quatro óbitos, nas freguesias costeiras de Moledo e Cristelo. Nesta última data, o Provedor da Santa Misericórdia de Caminha – Manuel Alves Pinto – que tutelava o Hospital e a mais importante Irmandade de assistência aos pobres no concelho, já tinha a certeza de que este surto de gripe não se enquadrava nos padrões normais até então observados. Viu-se, de súbito, a braços com graves carências e limitações assistenciais capazes de acudir às populações atingidas, dada a exiguidade das instalações hospitalares, a falta de médicos, insuficiência de fármacos e de substâncias de desinfeção, quer no hospital, quer nas farmácias existentes.

²³ A.J.F.V.P.A, 4º Livro de Actas – 1906-1926, Acta de 18 de Abril de 1920.

Recorreu, deste modo, aos bons ofícios de várias instituições e individualidades²⁴. Foi o caso de Sidónio Pais, na altura Presidente da República, mas nascido em Caminha a 1 de Maio de 1872²⁵. Desde essa data e até ao seu assassinato que teve lugar a 14 de Dezembro de 1914, desenvolveu-se um constante envio de telegramas, solicitando-lhe auxílio e informando-o quanto à expansão da epidemia.

Assim, no dia 8 de Outubro, o Provedor redigiu a primeira missiva alegando que «grassando nesta vila de Caminha e Concelho gripe e não tendo hospital recursos admissão doentes peço V. Ex.^a se digne contemplar este hospital de forma poder minorar sorte infeliz pobres Vossa Terra». Em consequência, foi atribuído um subsídio de 1.500\$00.

No dia 21 de Outubro, a epidemia encontrava-se em plena expansão, reportando ao Presidente que:

A epidemia gripe alastra assustadoramente concelho, principalmente freguesias Seixas Gontinhaes Moledo Cristelo onde nestas últimas 48 horas houve bastantes óbitos. Há falta de médicos encontrando-se doente Dr. António Silva Couto. Os dois médicos que fazem serviço em Gontinhães não podem socorrer tantos doentes doutras zonas ficando freguesias Lanhelas, Vilar Mouros Seixas Argela Venade Azevedo Cristelo Moledo Vilarelho e Caminha entregues um único médico dando isso motivo morrerem bastantes epidemiados sem assistência médica. Telegrama recebido hoje Delegado Governo Porto, diz não haver um só médico disponível pelo que pedimos V.Ex em nome desgraçados conterrâneos envie Dr. Damião Lourenço Júnior, capitão médico miliciano (...) há necessidade absoluta e urgente dado incremento doença montar hospitais Seixas Gontinhães pelo que espero alto magnânimo coração V.Ex que tão desveladamente se interessa sorte Povo que à guarda de V.Ex se acolheu haja satisfazer meu pedido fornecendo-nos médico recursos e poderes montagem hospitais referidos.

No mesmo dia enviou ainda novo alerta, solicitando-lhe fármacos e desinfetantes:

(...) Peço remessa urgente para tratamento doentes graves e desinfecção seguintes medicamentos absolutamente necessários hospitais isolamento segundo nota sub.delegado saúde: ampolas de Elertargel de 10 cc e 5 cc, de olio canfurado, de estryctinina; de espartania, de cafeína, de soro fisiológico a 200 cc, Pluracetina, seringas de 10 cc, agulhas de platina iridiadas, Cloreto de cal três barricas, sulfato de ferro 200 quilos, Criolina dez quilos, enxofre 200 quilos.

A 24 de Outubro, o Provedor agradece ao Presidente da República, reportando-lhe também o internamento de doentes. Até à data, tinham dado entrada oficial no Hospital 13 indivíduos padecendo de gripe:

²⁴ A.D.V.C., *Misericórdia de Caminha*, Correspondência expedida, cota 7.36.2.36.

²⁵ A.D.V.C., *Livros de Registo de Baptismo*, Livro n.º 4, fol. 138.

(...) Nosso nome e povo Caminha agradecemos V.Ex provimento (...) médico, profundamente sensibilizado prova carinho V.Exa dispensada seus conterraneos. Misericórdia continua lutando grande falta recursos tem hospitalizado já muitos epidemiados única maneira combater doença que tende aumentar.

No dia seguinte, o Provedor informou o Presidente da República da ocorrência de óbitos provocados pela epidemia, da necessidade de mais um médico e que a população se encontrava aterrorizada. De facto, até esta data, em Caminha já tinham falecido 6 pessoas e 72 pessoas nas demais freguesias do concelho:

Epidemia alastra tendo se dado hoje até 10 horas muitos casos fatais. Médico Damião Lourenço nosso conterrâneo ainda não chegou parecendo-me que não recebeu ordem para isso. Peço V.Exa. acelere sua vinda. Povo aterrorizado. Misericórdia reconheceu do grande interesse V.Exa. povo sua terra informarei frequência V.Exa. estado sanitário concelho.

De imediato, no dia 26, novo apelo foi enviado, pedindo mais assistência médica, devido à incapacidade de auxiliar as populações de todas as aldeias. Neste mesmo dia, morreram mais 6 pessoas:

Doença continua alastrando havendo casos gravidade que se espera todo momento desenlace. Mais uma vez peço V.Exa. ordem vinda imediata Dr. Damião. Aldeias morrem sem assistência médica devido Dr Torres ser impotente socorrer todos estando há dois dias sem visitas por falta tempo doentes hospital onde estão já internados grande quantidade alguma gravidade.

Passados três dias, o Provedor da Misericórdia enviou novo telegrama ao Presidente. A pneumónica já tinha feito mais 26 vítimas no concelho de Caminha (entre os quais se contaram 3 em Caminha, 3 em Moledo, 11 em Seixas, 4 em Vila Praia de Âncora). A gravidade da situação na sede concelhia constituía a sua grande preocupação, para além do médico que tardava em chegar:

Agradeço reconhecido (...) Dr Damião apresenta neste momento um dos maiores benefícios prestados V.Exa população Caminha. Epidemia alastra consideravelmente calculando-se haver só na vila para cima 500 casos sendo muitos gravidade. Tem havido bastantes óbitos. (...) Dr. Damião disse-me não ter ainda recebido ordem de marcha para esta vila.

No mesmo dia, ainda enviará novo telegrama insistindo sobre a urgência da vinda do médico e informando que os pescadores se encontravam quase todos contagiados:

Mandei Viana propositadamente emissário saber se médico Damião Lourenço tinha ordem de marcha esta vila e até 11 horas, hora que regressou emissário ainda nada tinha chegado. Encarecidamente e para bem dos desgraçados que se encontram atacados terrível epidemia e sem assistência médica peço ordem vinda já referido médico. Moradores Rua dos Pescadores encontram-se quase todos atacados.

No dia 1 de Novembro, o Provedor informou que finalmente tinha chegado o médico. Até ao dia 7, não telegrafará ao Presidente da República, visto ele próprio ter estado doente. Entre os dias 29 e 7 de Novembro, faleceram mais 52 pessoas (principalmente em Seixas 13, Caminha 8, Vila Praia de Âncora 8, Venade 5). Nesse dia, deu-lhe, então, nota que a epidemia se expandia agora para as freguesias do interior do concelho:

Não tenho informado V.Exa estado sanitário concelho devido ter estado doente. Epidemia continua alastrando principalmente freguesias Venade Lanhelas Seixas Argas. Vila parece manter-se estacionária se bem com bastantes casos graves. Hospital continua internando maior número possível doentes.

No dia seguinte, solicitou novamente assistência médica, devido à saída de clínico. Tratava-se agora de chegar rapidamente às freguesias do interior, sem acesso aos cuidados médicos:

Acaba retirar deste concelho médica Sarah Loureiro, ficando, portanto, cargo clínicos aqui serviço muitas freguesias atacadas terrível epidemia não tendo tempo visitas maioria doentes. (...) venho mais uma vez pedir V.Exa para que seja mobilizado para aqui tenente médico miliciano António Manuel Xavier.

O Provedor só enviará novo telegrama no dia 15 de Novembro, desta feita para lhe comunicar que a Mesa da Misericórdia lhe pretendia prestar homenagem. A correspondência parece indicar que a epidemia tinha regredido. No entanto, entre o dia 8 e o dia 15, tinham falecido 30 pessoas, assinalando-se o maior volume de óbitos em Vila Praia de Âncora (7) e Caminha (5).

Porém, no dia seguinte, o Provedor enviará telegrama ao Delegado de Saúde do Porto, pedindo «remessa imediata de soro anti-septico. Muitas crianças atacadas terrível doença não havendo soro farmácias vila». Até ao final do mês, mais 34 indivíduos irão falecer, agora com maior incidência em Lanhelas (6), Argela (6) e Caminha (6).

A correspondência telegráfica com Sidónio Pais só será reatada em 8 de Dezembro, para lhe desejar rápidas melhoras após o atentado. Logo depois, no dia 17, enviará ao Palácio de Belém «nosso protesto veemente e pesar profundíssimo pelo criminoso atentado que vitimou ilustre Chefe Nação e dedicado benemérito desta Sta Casa, Dr. Sidónio Pais, a quem muito devemos».

Outros movimentos de solidariedade e assistência às famílias contagiadas

Movimentos de solidariedade locais organizaram-se um pouco por todo o concelho, para acudir às populações mais fragilizadas. Tal é o caso da «Comissão angariadora

de donativos para os pobres epidemiados e suas famílias, de Caminha e arredores»²⁶ que enuncia, da seguinte forma, os seus propósitos:

Quando, nesta vila, a doença começou a sua obra destruidora invadindo de preferência os desprotegidos da fortuna, nós – Bento Coelho da Rocha, João Baptista Felgueiras da Silva, Óscar Maciel Malheiro, Francisco d'Assis de Melo da Gama e João Maria Cerqueira d'Azevedo – não podíamos por mais tempo continuar impassíveis e constituímos uma Comissão (...). A miséria e a doença, eis as causas que deram lugar à nossa obra de caridade.

A Comissão emitiu cartas-circulares pelas «principais famílias de Caminha» para recolha de donativos (em dinheiro ou prendas) e organizou quermesses. Para o mesmo efeito, instituiu delegados nas freguesias de Azevedo, Venade, Moledo, Vilar de Mouros, Argela, Lanhelas, Vilarelho, Cristelo e Seixas. Foram ainda recebidos subsídios do Governo Civil de Viana do Castelo, da Administração do Concelho e do Celeiro Municipal. A receita totalizou 817\$67 que foi distribuída segundo a repartição que se observa na Figura 1.

Figura 1 – Distribuição de donativos pelas freguesias

Em resumo	
Despesa feita com os pobres de Caminha	4 734,32
" " " " " Venade	72,14
" " " " " Moledo	40,74
Varias despesas	14,52
Despesa feita com os pobres de Vilarelho	37,42
" " " " " Argela	32,60
" " " " " Cristelo	15,90
" " " " " Vila d'Assis	15,00
" " " " " Lanhelas	18,00
" " " " " Azevedo	10,00
" " " " " Vilarelho	9,00
14 de Dezembro	5,00
Despesa feita em Caminha a 14 de Dezembro	21,00
Despesa total	817\$67
Caminha, 19 de Janeiro de 1919.	
Pelo Comité	
João Maria Cerqueira d'Azevedo.	

Fonte: Relatório dos seus trabalhos desde 15 de Outubro de 1918 a 14 de Dezembro do mesmo ano

Apesar de, como vimos, a epidemia parecer estar debelada em inícios do mês de Dezembro (conforme correspondência do Provedor, entradas de doentes no Hospital e movimento de óbitos), muitas famílias de Caminha continuaram a ser apoiadas até

²⁶ A.M.C., Relatório dos seus trabalhos desde 15 de Outubro de 1918 a 14 de Dezembro do mesmo ano". Receita e Despesa. Cota 1.21.3.7-15.

22 de Dezembro (Anexos V e VI), possivelmente por se encontrarem ainda em fase de convalescença. No entanto, a gripe da pneumónica continuará a produzir os seus efeitos nos anos seguintes. Nas listas de esmolas distribuídas, pode inclusivamente acompanhar-se a evolução da epidemia nas famílias ao longo dos dois meses.

A 2 de Novembro, a Comissão iniciou a distribuição de donativos. Era entregue um valor entre \$10 a 1\$50 por cada família pobre com um doente (valor possivelmente condicionado à gravidade do doente ou à capacidade económica familiar) e esta esmola era multiplicada nos núcleos com vários doentes acamados. Em algumas freguesias, para além do apoio financeiro, também foi distribuído leite (Anexo VII).

No conjunto das freguesias onde se procedeu à distribuição de donativos, foi encontrado um mínimo de 1 doente e um máximo de 11 doentes por casa (Anexo VII). Em Caminha, a família contagiada mais numerosa possuía 6 elementos doentes, em Venade 7, em Argela 6 e em Vilarelho 11 pessoas. Como verificámos, a importante incidência da epidemia na população infantil fica atestada pelo elevado número de crianças sinalizadas, bem patente na lista de famílias apoiadas de Argela (Anexo VIII).

Os pedidos de auxílio do Provedor da Misericórdia de Caminha, bem como a distribuição de donativos pela Comissão de Filantropia parecem relevar alguma seleção junto das diferentes freguesias e populações. Foram internados 62 epidemiados naturais de Caminha num total de 70 doentes, o que corresponde a 88,6% do total. Na distribuição de donativos, 58% das verbas foram atribuídas a famílias caminhenses e a rede de freguesias contempladas não cobriu a totalidade do concelho. No entanto, não subsistem dúvidas quanto ao socorro, preocupação e apoio evidenciado às vítimas contagiadas, confirmando-se que estas pertenciam a grupos sociais menos favorecidos, onde conviviam famílias numerosas que incluíam vários filhos e crianças.

8. ALGUMAS REFLEXÕES

Partindo da assunção de que a gripe pneumónica ou gripe espanhola estaria na origem da estagnação populacional verificada entre os recenseamentos de 1911 e 1920, tudo leva a crer que, sendo o fenómeno mais importante em termos de mortalidade no conjunto das freguesias do concelho de Caminha, não constituiu a única causa.

Outros fatores devem ser equacionados, entre os quais uma deficiente contagem dos censos, como vimos através do saldo fisiológico da população entre 1911 e 1920. As fontes reportaram igualmente surtos graves de varíola entre 1915 e 1916, como no caso de Vila Praia de Âncora onde foi montado, com carácter excecional, um hospital de apoio às vítimas, procedendo-se à desinfestação dos lugares mais ataca-

dos (área residencial dos pescadores) e freguesias do Vale do Âncora, bem como à vacinação das suas populações²⁷.

Não se podem descartar fatores políticos subsequentes à Implantação da República, alguma desordem social e estrutural, a mudança da moeda, o receio da Grande Guerra e a entrada de Portugal no conflito bélico, seguido da inflação dos preços dos géneros essenciais, açambarcamento e especulação.

Ficou confirmado que, na maioria dos casos, as camadas sociais mais desfavorecidas pela fortuna foram as atingidas pela mortalidade pandémica, exatamente devido à sua reduzida capacidade económica para aquisição de bens alimentares ou à inexistência dos mesmos nos mercados. Este quadro socioeconómico viu-se agravado pelas deficientes condições de higiene e de saúde em que estas famílias residiam.

A fome, a miséria e a doenças são termos recorrentes em toda a documentação. As profissões «indigente/pobre/pedinte» encontram-se com espantosa regularidade nos assentos paroquiais. A entrada frequente de doentes no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Caminha cujas causas foram registadas como anemia, cansaço, debilidade física, apontam para graves carências de uma grande parte da população caminhense.

O início do século XX no concelho de Caminha caracteriza-se pela existência de, pelo menos, quatro populações diferenciais:

- as populações rurais que tendem a adotar comportamentos de preservação da propriedade e subsequente adiamento na sua entrega aos herdeiros, provocando, em grande parte, o celibato das filhas e a emigração dos filhos;
- as populações piscatórias, com famílias numerosas que viviam em graves condições de higiene e de salubridade e com reduzida capacidade económica;
- a mão-de-obra rural, formada por jornaleiros e criados, que veio colmatar a saída dos emigrantes. Com fracos recursos, desinseridos das suas origens e famílias, possuíam reduzida capacidade de acesso à terra e, por conseguinte, aos bens de consumo essenciais;
- as oligarquias no poder, em teias familiares, controlando bens de consumo, o acesso à propriedade, as decisões políticas e cerceando inclusivamente o desenvolvimento de comunidades e suas populações.

Tempos de profundas assimetrias sociais numa jovem República que não impunha os ideais a que se tinha proposto; tempos de fome e de miséria, tempos de revolta...

²⁷ ALVES, Lourenço – *Caminha e o seu Concelho*. Caminha: Câmara Municipal de Caminha, 1985, pp. 532-533.

Anexo I – Movimento de nascimentos, óbitos e saldo fisiológico do concelho de Caminha (1911-1920)

Paróquia	1911		1912		1913		1914		1915		1916		1917		1918		1919		1920		1911-1920		Saldo fisiológico
	Nasc.	N. óbitos	Nasc.	N. óbitos	Nasc.	N. óbitos	Nasc.	N. óbitos	Nasc.	N. óbitos	Nasc.	N. óbitos	Nasc.	N. óbitos	Nasc.	N. óbitos	Nasc.	N. óbitos	Nasc.	N. óbitos	Total nasc.	Total óbitos	
Arga de Cima	3	0	4	1	4	5	3	2	5	6	2	4	1	3	5	4	4	4	2	2	33	31	2
Arga de Baixo	3	0	4	0	2	4	3	3	6	5	6	3	5	5	5	5	5	5	4	5	43	35	8
Arga de S. João	2	4	3	0	5	4	1	1	3	1	7	2	0	3	2	2	1	2	3	2	27	21	6
Venade	20	11	29	12	22	14	24	17	28	19	32	22	20	22	24	26	22	24	21	27	242	194	48
Azevedo	3	1	8	1	8	4	8	2	10	6	7	3	6	6	6	2	7	7	5	2	68	34	34
Argela	8	12	7	5	7	9	11	3	7	8	10	6	11	8	9	14	16	14	14	16	100	95	5
Vilarelho	4	4	13	8	14	5	13	5	14	12	16	13	25	5	20	11	11	10	15	8	145	81	64
Caminha	52	24	64	38	43	44	55	45	61	40	65	46	46	37	40	62	50	59	53	44	529	439	90
Âncora	17	11	17	17	17	10	11	8	12	10	11	11	14	21	6	17	8	7	9	12	122	124	-2
Lanhelas	20	7	28	14	24	22	30	12	19	11	25	15	28	16	21	30	26	22	34	24	255	173	82
Seixas	46	13	49	42	42	46	44	34	70	35	58	44	46	43	51	91	57	56	70	53	533	457	76
Gondar	8	1	17	6	9	10	9	3	16	8	10	1	14	5	3	9	12	6	15	9	113	58	55
Vilar de Mouros	19	20	19	16	26	13	25	17	24	18	22	15	16	12	15	25	29	30	30	23	225	189	36
Moledo	11	14	29	17	20	16	27	6	17	17	23	10	21	11	13	25	18	18	21	42	200	176	24
Cristelo	5	4	10	2	11	4	5	10	7	3	9	3	10	5	6	6	7	8	4	6	74	51	23
Orbacém	9	12	6	9	11	9	7	2	21	4	14	10	17	9	14	13	9	10	16	7	124	85	39
Riba d'Âncora	13	12	26	8	15	11	20	15	26	15	18	12	18	19	21	23	17	29	22	15	196	159	37
Vile	1	0	2	4	6	3	9	5	3	1	4	4	1	2	10	7	2	11	8	3	46	40	6
Vila Praia de Âncora	55	36	71	51	73	48	85	47	82	57	70	57	91	39	79	69	68	67	71	83	745	554	191
Total	299	186	406	251	359	281	390	237	431	276	409	281	390	271	350	441	369	389	417	383	3820	2996	824

Fontes: Livros de registos paroquiais do concelho de Caminha

**Anexo II – Média anual de idades ao óbito
no concelho de Caminha
(1916-1920)**

Paróquia	Idades médias anuais ao óbito				
	1916	1917	1918	1919	1920
Arga de Cima	61,0	57,7	37,3	47,3	52,0
Arga de Baixo	61,7	70,6	57,2	65,8	65,0
Arga de S. João	77,0	77,6	82,0	79,0	81,5
Venade	51,8	48,4	48,4	46,5	48,1
Azevedo	72,0	77,0	70,5	48,5	43,5
Argela	43,5	39,0	45,2	59,2	36,1
Vilarelho	41,6	46,0	15,6	35,6	46,5
Caminha	49,7	44,5	43,2	37,8	36,6
Âncora	58,5	57,7	58,5	18,7	42,4
Lanhelas	48,6	31,3	35,5	43,9	34,8
Seixas	45,6	50,5	41,9	42,7	38,1
Gondar	76,0	51,3	54,9	50,4	24,2
Vilar de Mouros	45,5	61,3	46,4	45,9	42,7
Moledo	47,7	47,6	39,7	34,3	33,5
Cristelo	28,5	25,4	41,5	46,4	28,7
Orbacém	59,0	60,2	40,3	58,5	50,7
Riba d'Âncora	75,5	52,0	38,0	48,1	58,4
Vile	83,0	33,0	70,0	64,2	47,3
Vila Praia de Âncora	28,3	53,3	32,6	53,4	25,6
Médias	55,5	51,8	47,3	48,7	44,0

Fontes: Livros de registos paroquiais do concelho de Caminha.

**Anexo III – Média anual de Idades
ao óbito no concelho de Caminha
(Outubro-Novembro de 1918)**

Paróquia	Idade média	N.º óbitos	% sobre o total
Arga de Cima	34	2	0,8
Arga de Baixo	33,5	2	0,8
Arga de S. João	–	0	0,0
Venade	42,7	12	5,0
Azevedo	–	0	0,0
Argela	33,4	10	4,2
Vilarelho	31,4	6	2,5
Caminha	36,5	30	12,5
Âncora	46,6	7	2,9
Lanhelas	40,3	15	6,3
Seixas	36,9	54	22,5
Gondar	17	2	0,8
Vilar de Mouros	44,1	13	5,4
Moledo	29,3	16	6,7
Cristelo	47	4	1,7
Orbacém	44	8	3,3
Riba d'Âncora	30,6	14	5,8
Vile	–	0	0,0
Vila Praia de Âncora	30,6	45	18,8
Total	36,1	240	100,0

Fontes: Livros de registos paroquiais do concelho de Caminha.

**Anexo IV – Contexto socioprofissional de todos os indivíduos falecidos em Vila Praia de Âncora
(Outubro-Novembro de 1918)**

Ocupação	N	%	Ocupação	N	%
Lavradores	4	8,5	Ferroviários	2	4,3
Jornaleiros	4	8,5	Fiscal	1	2,1
Pescadores	19	40,4	Cocheiro	1	2,1
Subtotal	27	57,4	Monteiro	1	2,1
Canteiro	1	2,1	Subtotal	5	10,6
Estucador	1	2,1	Indigentes	4	8,5
Telheira	1	2,1	Indeterm.	5	10,6
Subtotal	3	6,4	Subtotal	9	19,1
Comerciante/negociante	2	4,3	Total	47	100,0
Tacholeiro	1	2,1			
Subtotal	3	6,4			

Fonte: Rego, Maria Aurora Botão P, 2013a.

**Anexo V – Folha de distribuição de donativos
pelos pobres epidemiados de Caminha**

	B. 12	B. 16	B. 21	B. 26	B. 28	B. 32
	Ambr.	Monte.	Monte.	Monte.	Esperita	Esperita
Uma de Uva	1.00					
Uma de Almoeda	1.00	1.00				
Uma de Valencio	1.00	1.50	1.00		.80	
Uva de Baga	1.50	1.00	.50		.50	
Uva de Baga	1.00	1.00	1.00		.50	
Uva de Baga	.50	.50	.50			
Uva de Baga	1.00	1.00	.50		.50	
Uva de Baga	2.00	1.50	.50			
Uva de Baga	1.50	1.50	.50		.50	.50
Uva de Baga	1.00	1.00	1.00		.50	
Uva de Baga	.50	.50	.50			
Uva de Baga	1.00	.50	.50			
Uva de Baga	1.00	1.00	.50		.50	
Uva de Baga	1.00	1.00	.50		.50	.50
Uva de Baga	1.50	1.50	.50		.50	
Uva de Baga	1.00	.50				
Uva de Baga	1.00	.50				
Uva de Baga	1.00	1.00	1.00			
Uva de Baga	.50	.50	.50			
Uva de Baga	1.00	1.00	1.00	1.00	1.00	.50
Uva de Baga	1.50	1.50	.50			
Uva de Baga	1.50	1.50	1.50			
Uva de Baga	1.50	1.50	.50			
Uva de Baga	1.00	.50				
Uva de Baga	.50	.50	.50			
Uva de Baga	1.50	.50	.50			
Uva de Baga	.50	.50	.50			
Uva de Baga	1.50	1.50	.50			
Uva de Baga	1.00	1.00	.50			
Uva de Baga	1.00	1.00	1.00	.50	.50	
Uva de Baga	1.00	1.00	1.00	1.00	1.00	.50
Uva de Baga	1.00	1.00	1.00	1.00	1.00	1.00

Fonte: Relatório dos seus trabalhos desde 15 de Outubro de 1918 a 14 de Dezembro do mesmo ano

**Anexo VII – Folha de distribuição de donativos
pelos pobres epidemiados de Vilarelho**

[illegible]

Fonte: Relatório dos seus trabalhos desde 15 de Outubro de 1918 a 14 de Dezembro do mesmo ano

**Anexo VI – Folha de distribuição de donativos
pelos pobres epidemiados de Caminha**

[illegible]

Fonte: Relatório dos seus trabalhos desde 15 de Outubro de 1918 a 14 de Dezembro do mesmo ano

Anexo VIII – Folha de distribuição de donativos pelos pobres epidemiados de Argela

[illegible]

Fonte: Relatório dos seus trabalhos desde 15 de Outubro de 1918 a 14 de Dezembro do mesmo ano.

FONTES

A.D.V.C. (Arquivo Distrital de Viana do Castelo)

- *Livros de Baptismos e de Óbitos das freguesias do concelho de Caminha.*
- *Livros de movimento de entrada de doentes no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Caminha*, cota 7.35.4.13.
- *Santa Casa da Misericórdia de Caminha*, Correspondência expedida, cota 7.36.2.36.

A.M.C. (Arquivo Municipal de Caminha)

- *Relatório dos seus trabalhos desde 15 de Outubro de 1918 a 14 de Dezembro do mesmo ano*, Comissão Angariadora de donativos para os pobres epidemiados, e suas famílias, de Caminha e arredores, cota 1.21.3.7-15.
- *Livro de tarifa dos preços dos géneros, 1862-1924*, cota 1.2.2.1.

A.J.F.V.P.A. (Arquivo da Junta de Freguesia de Vila Praia de Âncora)

- *4º Livro de Actas – 1906-1926.*

ESTATÍSTICAS DA POPULAÇÃO DE PORTUGAL

Censos de 1864, 1878, 1890, 1900, 1911, 1920, 1930, 1940, 1950, 1960, 1970, 1981, 1991, 2001, 2011, INE, Lisboa, Imprensa Nacional.

Estatística do Movimento Fisiológico da População de Portugal de 1918 (1922) Lisboa, Arquivos do Instituto Central de Higiene, Imprensa Nacional.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ALVES, Lourenço – *Caminha e o seu Concelho*, Caminha, Câmara Municipal de Caminha, 1985, pp. 532-533.

AMORIM, Maria Norberta (1991) – Uma metodologia de Reconstituição de Paróquias desenvolvida sobre registos paroquiais portugueses. In *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, IX, 1.

CAPELA, José Viriato (2005) – *As Freguesias do Distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758 – Alto Minho. Memória, História e Património*. Braga, Casa Museu de Monção/ Universidade do Minho.

COSTA, António Carvalho da (1706-1712) – *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, gealogias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. 3 vols., Lisboa, officina de Valentim da Costa Deslandes impressor de Sua Magestade, & á sua custa impresso.

CRUZ, António (1970) – *Geografia e Economia da Província do Minho nos finais do século XVIII*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

GIRÃO, Paulo (2003) – *A pneumónica no Algarve*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

REGO, Maria Aurora Botão Pereira (2013a) – *De Santa Marinha de Gontinhães a Vila Praia de Âncora (1624-1924). Demografia, Sociedade e Família*. Vila Praia de Âncora: Junta de Freguesia de Vila Praia de Âncora.

- REGO, Aurora Botão (2013b) – *O concelho de Caminha. População, património e economia (1758-1849)*. Caminha: Universidade Sénior do Rotary Clube de Caminha.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1970) – *A População de Portugal em 1798. O Censo de Pina Manique*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português.
- SILVEIRA, Luís Nuno Espinha da (2001) – *Recenseamentos da População Portuguesa de 1801 e 1849*. 3 vols., Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- SOUSA, Fernando de; ALVES, Jorge Fernandes (1997) – *Alto Minho. População e Economia nos finais de Setecentos*. Lisboa: Editorial Presença.